



DO CHORO À PALAVRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE INTERVENÇÕES ATRAVÉS DO BRINCAR COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Eixo Horizontal: EH2: MÉTODOS E PROCEDIMENTOS CLÍNICOS

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Ana Beatriz Pereira Garcia;

INTRODUÇÃO: O brincar para crianças hospitalizadas com câncer configura-se como potente dispositivo clínico de expressão e ressignificação tanto das dores advindas com a doença e seu tratamento, quanto do lugar que sua subjetividade ocupa nesta trama. Partindo da possibilidade de expressar o que sente, quais são os seus dilemas e as suas angústias e como percebe o que está vivenciando por meio da brincadeira, a criança pode elaborar e articular os acontecimentos do real por meio dos registros imaginários e simbólicos. Ela repete e ensaia na brincadeira aquilo que lhe fez marca, mesmo que seja da ordem do desprazer, ligando a realidade que a envolve a objetos e situações do seu imaginário. Desta forma, repetindo sua vivência – mesmo desprazerosa – em jogo, a criança desloca-se da passividade e assume papel ativo enquanto sujeito. O brincar, então, aponta para uma tentativa do inconsciente se expressar e operar com o desejo, presentificando-se em ato. Funciona como dispositivo de constituição do sujeito na infância e, enquanto potência clínica, assemelha-se com a associação livre, permitindo uma leitura de como aquela criança constrói seu repertório. **OBJETIVO/MÉTODO:** O objetivo deste trabalho enquanto relato da experiência como estagiária de Psicologia da unidade de Oncopediatria de um hospital oncológico de Salvador, é propor uma análise da potencialidade do brincar para a elaboração das situações e dos processos vivenciados por crianças hospitalizadas. São realizados atendimentos clínicos diários aos pacientes internados e sua unidade de cuidado, como previsto na rotina do serviço de Psicologia, sendo trabalhadas questões acerca do adoecimento e tratamento, além das demandas emergentes. Foram atendidas três crianças, sendo dois meninos (5 e 6 anos) e uma menina (3 anos), com em média um mês de internamento. **RESULTADOS/DISCUSSÃO:** Dois dos três pacientes citados acima expressavam o seu desejo de brincar e requeriam a presença da estagiária na dinâmica, trazendo em meio a brincadeira questões referentes à hospitalização, ao adoecimento e ao tratamento. Nesse sentido, a repetição e as elaborações realizadas através do lúdico possibilitaram trabalhar a angústia diante das invasões físicas decorrentes de procedimentos hospitalares, que por vezes é expressa através do choro. Ao aproximar-se da sua realidade cotidiana através da brincadeira e das palavras que circulavam em meio a ela, foi possível dar um outro sentido a experiência das crianças. Elas puderam interpretar aquela realidade por meio da sua percepção singular, se posicionando enquanto sujeitos de ação, não mais no lugar de passividade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A questão do brincar é trazida como meio de potencialidade para que as intervenções hospitalares possam ocorrer, visando menor impacto emocional e melhor adaptação da criança. Ao ofertar a escuta e o olhar dirigidos ao que está para além do corpo orgânico adoecido, é possível para as crianças construir um outro espaço para si e um outro sentido para aquela situação que lhe foi imposta. Tal potência é encontrada na correlação entre o objeto (brinquedo), a subjetividade e a conjuntura, a qual deságua em construções e elaborações por parte da criança, permitindo um saber-fazer com o que é vivenciado e repetido.